

FH faz desabafo para empresários

■ Depois de um apelo dramático em favor das reformas, presidente vê projeto da emenda da Previdência rejeitado pelo Congresso

Brasília — Jamil Bittar

BRASÍLIA — Poucas horas após um apelo dramático para que os empresários ajudassem o governo a fazer as reformas constitucionais, o presidente Fernando Henrique Cardoso sofreu uma amarga derrota: a Câmara dos Deputados rejeitou a essência do projeto de reforma da Previdência.

Pela manhã, Fernando Henrique havia feito um pronunciamento para os mais de 2.800 empresários que vieram em caravana à Brasília pedir velocidade nas reformas, menos impostos e menores juros. Foi a maior concentração de empresários de grande, médio e pequeno porte já vista na capital do país. O auditório do Hotel Nacional ficou lotado.

A eles, o presidente fez um pedido. "Eu preciso da sua colaboração. Eu preciso do apoio é lá, no Congresso", disse, referindo-se à necessidade de o Congresso aprovar urgentemente as reformas, para dar sustentação ao Plano Real. Fernando Henrique fez também um desabafo, ao negar que tenha barganhado votos com o Congresso: "Barganhei o quê? Me deem um exemplo concreto e não o diz-que -diz. Estamos nos matando de esforçar para convencer o Congresso que votar a reforma é votar pelo povo e pelo Brasil".

Para a imprensa, o presidente deixou uma reclamação. "Foram anos para se levar a bom termo um processo limpo, claro, transparente" e as manchetes dos principais jornais, sobre o leilão de privatização da Light, foram, reproduziu Fernando Henrique, "Vendida para o estrangeiro", diz um; "Vendida pelo preço mínimo", diz outro; "O BNDES salvou o leilão", diz o terceiro. E deixou uma pergunta: "O que é que se passa para a opinião pública? Como é que se quer que se convença essa opinião pública, se a fracassomania parece que imbuíu, não a base da sociedade, mas certos setores de influência dela?".

Improvisto — Foram 20 minutos de discurso de improviso, no qual o presidente Fernando Henrique falou dos custos de se lutar para que o país avance. "Esses custos são os nossos cabelos brancos. E, muitas vezes, sem desânimo, mas olhando e dizendo: 'Meu Deus, por que não me ajudam mais?'".

Aos empresários, que pedem o ajuste fiscal para que o Plano Real deixe de ficar ancorado no câmbio fixo e nos juros altos, o presidente respondeu: "Peço que olhem os números. Não tem mais o que controlar. Tudo está arrochado". O que o governo precisa, agora, apontou o presidente, é das reformas constitucionais. E citou, entre as reformas necessárias, a que trata do sistema jurídico, cujo funcionamento é incompatível com as demandas do mundo contemporâneo. "Aqui tudo é lei", disse.

Fernando Henrique falou da crise do sistema bancário e da necessidade de um sistema financeiro forte, capaz de financiar o setor produtivo a juros mais razoáveis. Mencionou os números da penúria de receita do setor público — dos R\$ 1,2 bilhão que o governo pode gastar por mês, R\$ 650 milhões vão para a Saúde.

A única área das despesas em que se pode mexer, segundo o presidente, é a dos juros. Estes caíram de 4,5% ao mês para 2% em um ano, mas não há como desobecer a um programa de redução dos juros, sob pena da inflação voltar.

Nem tudo foi apelo ou desabafo. O presidente prometeu aos empresários tocar a reforma tributária e fez uma autocrítica: "Nós pedimos demais ao Congresso. Nós colocamos demasia- do as demandas sobre o Congresso. O Congresso também tem seus limites de absorção".

Lembrou que há três anos o país se debatia com a renegociação da dívida externa e com a superinflação.

Fernando Henrique defendeu ainda a reforma tributária, a modernização do sistema jurídico e conclamou os empresários a ajudar nas reformas constitucionais.

Para o presidente, os empresários devem se preparar aproveitar os resultados positivos e para enfrentar os efeitos "daninhos" do fim das fronteiras econômicas no mundo moderno. "Não se trata de produzir mais o mesmo, nós temos que mudar o padrão daquilo que produzimos, porque, queiramos ou não, a economia está globalizada", afirmou.

Fernando Henrique acusou ainda a oposição de estar tentando explorar eleitoralmente a votação da reforma da Previdência e de ter se posicionado contra o aumento do salário dos professores do ensino fundamental, ao votar contra o Programa de Valorização do Professor.

"Ninguém disse uma palavra sobre isso. É inacreditável", concluiu. Antes, parodiou uma frase do presidente americano John Kennedy. "O que nós estamos fazendo pelo Brasil?", indagou Fernando Henrique cobrando empenho pessoal de cada um dos presentes às reformas.

Na década de 60, pressionado por uma série de reivindicações, Kennedy disse: "Não pergunte o que os Estados Unidos

está fazendo por cada um, mas o que cada um pode fazer pelos Estados Unidos".

O presidente chegou ao encontro dos empresários de bom humor. Brincou com os jornalistas e depois, ao iniciar seu discurso, comentou o barulho dos foguetes que espocaram durante o discurso do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Fernando Bezerra.

"Nas próximas, vamos acertar o foguetório, senador. O senhor, que vem lá do Rio Grande do Norte, sabe como é isso. Tinha que estourar um pouquinho mais no fim da sua falação", brincou Fernando Henrique. Os rojões, que deveriam ser lançados ao fim do discurso do senador, para realçar seus pedidos, acabaram explodindo um pouco antes, o que tirou parte do efeito dos fogos.

Malan — O ministro da Fazenda, Pedro Malan, afirmou ontem que o governo pode tomar novas medidas para ajudar as pequenas e microempresas, se isso for necessário. "Se forem necessárias novas medidas, nós as tomaremos no momento em que nos parecer apropriado", disse. Segundo o ministro da Fazenda, as medidas anunciadas na terça-feira para facilitar o acesso das pequenas e microempresas a capital de giro estão dentro de uma política de flexibilização que o governo vem adotando desde o ano passado.

"Toda a história das medidas do governo desde aquela época são a história de uma crônica de uma flexibilização anunciada", afirmou Malan. "As medidas de ontem se enquadram nesse contexto". Perguntado se há possibilidade de o governo adotar as mesmas medidas para as grandes empresas, que também estão com problemas de capital de giro, o ministro foi evasivo. "Vamos ver. Por enquanto é isso que está anunciado aí", disse Malan, na saída do encontro Brasil Industrial, que reuniu mais de dois mil empresários, ontem, no Hotel Nacional.

O ministro do Planejamento, José Serra, elogiou o movimento dos empresários e disse que o discurso do presidente foi uma resposta à todas as reivindicações do setor. "Acho que é um movimento legítimo. Os empresários se reuniram para focalizar suas posições.



Entre o presidente da CNI, Fernando Bezerra (E) e o ministro Francisco Dornelles, Fernando Henrique pediu ajuda para aprovar as reformas